

• **RESENHAS**

DICIONÁRIO DIDÁTICO DO PORTUGUÊS

MARIA TEREZA CAMARGO BIDERMAN

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*

As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – têm tido, no mundo moderno, um papel importante nos estudos lingüísticos no que diz respeito à confecção de dicionários de usos da língua e de dicionários especializados. Das três ciências é a Lexicografia a mais antiga; como técnica de confecção de dicionários remonta a épocas distantes e foram os glossários seu principal representante.

Na atualidade, além de técnica de confecção de dicionários, é a Lexicografia também uma ciência que tem por objetivo a análise lingüística dessa técnica.

A moderna Lexicografia de origem francesa tem oferecido ao lingüista-lexicógrafo a metodologia e o aparato teórico para a elaboração de dicionários de natureza diversa.

No dizer de Dubois & Dubois (1971, p.7): “Os dicionários são objetos manufaturados, cuja produção, importante nas sociedades desenvolvidas, responde às exigências de informação e de comunicação”. Têm eles um objetivo pedagógico e fornecem respostas didáticas a questões que visam preencher vazios entre os consulentes e uma norma lingüística e cultural previamente definida. São os dicionários, portanto, um instrumento de educação permanente, pois representam o livro da idade escolar e o da idade adulta.

É dentro dessa linha de pensamento que o *Dicionário didático do português* (DDP) da lingüista-lexicógrafa Maria Tereza Camargo Biderman foi elaborado.

Tendo por objetivo atender prioritariamente às necessidades do ensino fundamental e médio, o DDP possui uma nomenclatura de aproximadamente 25.000 verbetes, o que o classifica como um minidicionário. Mas está muito longe de ser um minidicionário, comparado aos outros com mesma classificação, pelas importantes informações lingüísticas e gramaticais nele contidas.

A macroestrutura do DDP constitui a parte que contém todas as

* Professora dos Cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade

de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara.

informações gerais sobre o dicionário e a microestrutura diz respeito ao conteúdo do verbete.

No tocante à macroestrutura, observa-se o cuidado com que o DDP foi elaborado. No prefácio formado de vários itens e subitens, a autora informa o consulente sobre: 1) o valor do dicionário como veículo da língua e da cultura; 2) a nomenclatura que o constitui e a quem se destina; 3) a importância de utilizar exemplos contextualizados acompanhando as definições. Ainda no prefácio, encontram-se as informações gramaticais e lingüísticas que orientam o consulente sobre como utilizar bem o dicionário. Faz parte também do prefácio uma bem elaborada, mas sucinta, história da língua portuguesa, desde as suas origens latinas até chegar à sua variante brasileira. Esse tipo de informação inexistente em outros dicionários da mesma natureza. Compõem, ainda, o prefácio, a lista das abreviaturas empregadas, um apêndice gramatical no qual estão os paradigmas das três conjugações verbais regulares, uma lista das locuções prepositivas, adverbiais e de denotadores expressivos. Essa última listagem é uma inovação do DDP e é um bom auxiliar para o estudante, pois mostra como a locução está formada e a classe gramatical a que pertence; sua ordenação alfabética facilita a localização. Fecha o prefácio uma relação, também em ordem alfabética, dos nomes dos países, suas capitais e seus nomes gentílicos, mostrando, com isso, o processo de formação de adjetivos pátrios no português brasileiro.

A análise da microestrutura diz respeito ao conjunto de informações lingüísticas e gramaticais contidas no verbete.

Os verbetes do DDP estão distribuídos em duas colunas por página, facilitando bastante a leitura. Após a *palavra-entrada* ou *lema*, indica-se a classe gramatical a que pertence a palavra, seguida da sua divisão silábica. Essa última informação é de extrema importância, pois ensina ao aluno como, por meio das sílabas, está constituída a palavra e como dividi-la corretamente. Depois dessas informações gramaticais, vem a definição da palavra-entrada. É a definição, para o lexicógrafo, um ponto difícil e complexo, mas que tem, segundo A. Rey (1965, p.71), uma única finalidade:

O programa da definição se resume para a prática lexicográfica em fazer corresponder a uma unidade léxica supostamente conhecida ou mal conhecida uma pluralidade de unidades pertencentes ao mesmo sistema lingüístico, organizadas segundo as estruturas sintagmáticas deste sistema, e que se supõe: I – capaz de remeter ao mesmo significado; e II – capaz de determinar ao leitor ou ouvinte a elaboração conceitual deste significado.

É na definição que reside o grande trabalho do lexicógrafo, pois ela deve ser adequada ao público a que se destina a obra. A primeira definição deve ser sempre, obedecendo a uma certa escala de usos, a mais usual, aquela que a norma lingüística consagrou.

Seguindo os modelos de definição estabelecidos pela moderna Lexicografia, observa-se que o DDP é bastante avançado nesse aspecto. As definições, quando descritivas, são em linguagem clara e acessível. Esse tipo de definição é adequado a substantivos concretos. Veja-se a definição dos seguintes verbetes: “*Celeiro* – Construção, geralmente em fazenda, destinada a guardar produtos agrícolas, cereais”; “*Charuto* – Conjunto de folhas secas de fumo, enroladas e usadas para fumar”.

Os substantivos abstratos são definidos, geralmente, por paráfrases sinonímicas, evitando que haja o tão conhecido “círculo vicioso”, tão comum em dicionários, em que uma unidade remete a outra e esta, à primeira, dificultando a compreensão. Tomem-se os verbetes “*ignorância*” e “*implosão*”. “*Ignorância* – Estado de quem não tem conhecimento de alguma coisa, ou que não sabe nada”. “*Implosão* – Método usado modernamente para destruir prédios. Coloca-se dinamite em todos os lugares do prédio e faz-se a explosão de uma só vez e o prédio se destrói todo de uma vez”.

Para os adjetivos, a autora utiliza-se também da sinonímia, método freqüente em Lexicografia, mas procura evitar que os sinônimos fechem um círculo, impedindo a compreensão. Assim: “*Ilícito* – Proibido, ilegítimo, ilegal”. Neste caso, faz indicação para que os sinônimos sejam consultados em seus lugares no dicionário.

Pelo que se pode observar, também para os adjetivos a paráfrase é empregada. Observe-se em: “*Inquieto* – Que se encontra desassossegado; sem tranqüilidade; que está agitado; perturbado”. Ou em “*Pedante* – Que é exibicionista na maneira de falar e agir”.

Embora não seja originalmente um dicionário ilustrado, o texto do DDP vem acompanhado de algumas páginas com ilustrações coloridas de flores, plantas, partes das plantas, frutas, insetos, répteis, moluscos, peixes, tipo de embarcações e suas partes componentes, partes do corpo humano, instrumentos musicais, animais e pedras preciosas. Tais ilustrações formam com a definição um conjunto “mostrativo”. Cria-se, assim, uma “definição mostrativa”, na qual o significado da entrada é completado com a figura.

Ao lado da definição, e tão importante quanto ela num verbete, estão os exemplos. Nesse aspecto, o DDP é extremamente criativo; todas as unidades lexicais do dicionários estão exemplificadas. São exemplos criados pela autora, os quais, ao explicitarem os significados, indicam também os usos lingüísticos. Qualquer entrada pode ser escolhida para mostrar a exemplificação; veja-se “*Pé-de-atleta* – Micoze que dá entre, ou debaixo dos dedos dos pés. Consulte um dermatologista por causa do *pé-de-atleta*”. Ou: “*Pulmão* – Órgão do aparelho respiratório, situado no tórax. O fumo prejudica os *pulmões*. Um ar fresco entrou nos meus *pulmões*”. Ou ainda: “*Pular* – Dar impulso no corpo para que se erga do solo. As crianças estavam brincando de *pular corda*”.

A definição e os exemplos são completados no DDP com a informação gramatical e com outras informações semânticas como antônimos e sinônimos. Em “*Illegal* – ant. legal”; em “*Alto* – ant. baixo”. Quem consulta o verbete “*Sólido*” encontra as duas séries, sinônimos – “1) maciço, resistente; 2) consistente; 3) forte, indestrutível; 4) profundo; 5) duradouro” – ; e antônimos – “1) mole; 2) líquido; 3) fraco, frágil”.

Dos substantivos e adjetivos, a flexão de gênero e número aparece em todos os verbetes. A informação gramatical se constitui, de um modo geral, num auxiliar para o estudante, principalmente no que diz respeito aos plurais em *-ão*, que têm, às vezes, mais de uma variante, e os plurais de palavras terminadas em *-l*. De “*aldeão*”, tem-se: “aldeãos e aldeões”; de “*guardião*– guardiões e guardiães”.

Adotando a classificação tradicional das gramáticas portuguesas para os verbos, estes podem ser classificados quanto a: conjugação a que pertencem,

regência ou regências, irregularidades, quando ocorrer. O DDP adota procedimento interessante e registra, no caso dos verbos, as palavras deles derivadas. É o caso de: “*Julgar* – julgamento”; “*instrumentar* – instrumentação”; “*insultar* – insulto”; “*salvar* – salvamento e salvação”; “*lavar* – lavratura”. Esse expediente, além de formar um conjunto de remissivas, relaciona as unidades pelo processo de formação, mostrando as relações paradigmáticas que podem ser estabelecidas entre as unidades. Também com os substantivos e adjetivos tal procedimento é adotado. Vejam-se “*lavanderia* – lavadora e lavadeira”; “*laxante* – laxativo”; “*pêra* – pereira”; “*pensão* – pensionista”. Por relações associativas, a autora mostra o processo de enriquecimento lexical da língua portuguesa.

Com relação às palavras gramaticais – conjunção, preposição, pronome –, que só podem ser definidas quando contextualizadas, vê-se que o DDP, nesse ponto, foi preciso e detalhado. Basta consultar a preposição “*de*”, onde a parte I do verbete explica a relação da preposição com substantivo, adjetivo e verbo, num processo de regência; e na parte II, as variadas funções gramaticais que podem ser estabelecidas unindo-se o “*de*” com outro elemento da relação. O melhor expediente para explicitar as diversas funções e relações estabelecidas pelo “*de*” é a exemplificação, ou seja, a preposição nos seus mais variados contextos.

Para as conjunções e locuções conjuntivas e para os pronomes, também a contextualização em exemplos é o expediente mais adequado. Basta consultar no DDP qualquer um desses verbetes.

Merece, ainda, atenção o registro dos níveis de linguagem e das linguagens especiais. Embora a autora tenha ressaltado que “esse tipo de informação padece de um certo subjetivismo” (1998, p.11), pois o DDP também pode ser útil ao consulente estrangeiro, chama a atenção para a representatividade desse tipo de registro. Os níveis popular, gírio, vulgar, literário, raro, desusado, familiar, sempre que possível, estão assinalados no verbete. A autora apenas não registra o nível chulo ou obsceno, e isso por uma opção sua. Algumas dessas palavras, tão usuais entre jovens e, muitas delas, já esvaziadas de conteúdo semântico chulo e obsceno (por exemplo: porra, puta etc.), não estão no dicionário. Em “*Biscate*”, por exemplo, tem-se apenas: “Serviço pequeno e não regular”. Não se encontra o significado de “pessoa de vida fácil, prostituta”.

As palavras de origem estrangeira, de um modo geral, não trazem registrada a sua procedência, exceção feita aos neologismos recentes e ainda não adaptados à fonética e morfologia do português registrados no dicionário. Como diz a autora:

Esta informação esporádica destina-se apenas a despertar no estudante a consciência dos empréstimos, alertando-o para o fato de que o vocabulário se enriquece com o concurso de outras línguas. (p.12)

Nesse aspecto, a edição do DDP, que é de 1998, já se ressentia de um número bastante representativo de unidades lexicais provenientes, principalmente, da língua inglesa. São palavras em uso freqüente no português do Brasil (*shopping center, jeans, training, peeling, make up, back*

up, download etc.) que se enquadram na situação de neologismos recentes e que numa edição mais atualizada do DDP certamente serão contempladas.

Esporadicamente, são registradas informações enciclopédicas, ficando claro que o DDP é um dicionário de “uso” da língua portuguesa e não um dicionário de “coisas”, como são denominados os enciclopédicos. Em “*Iemanjá*” tem-se a observação seguinte: “Essa crença religiosa é de origem africana, mas misturou-se às crenças e práticas católicas na Bahia e no Rio de Janeiro. Por isso Iemanjá é também identificada com e representada como Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição etc. Nos cultos de candomblé (v. essa) e umbanda (v. essa) é um dos orixás (v. essa) mais poderosos”.

Cumprindo o objetivo a que se propôs, o *Dicionário didático do português*, de Maria Tereza Camargo Biderman, ao descrever a norma lingüística culta, deve ser visto como um instrumento cultural, pois informa o leitor sobre a língua e a cultura do povo brasileiro.

Referências bibliográficas

- DUBOIS, J., DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971. p.7.
- REY, A. A propos de la définition lexicographique. *Cahiers de Lexicologie (Paris)*, Didier Larousse, v.VI, p.71, 1965.

BIDERMAN, Maria Tereza Canmargo.
<i>Dicionário didático do português.</i>
2.ed. São Paulo: Ática, 1998.

